

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Marcelino Antônio Dutra
Assembleia das aves



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Marcelino Antônio Dutra

Assembleia das aves

Publicado originalmente em 1847.

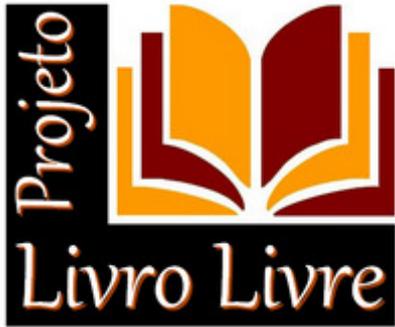
**Marcelino Antônio Dutra
(1809 – 1869)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 289



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Marcelino Antônio Dutra: *“Assembleia das aves”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Marcelino Antônio Dutra (Desterro, atual Florianópolis, 19 de julho de 1809 – Desterro, 13 de julho de 1869). Professor, promotor público, poeta, jornalista polemista e político brasileiro.

Filho de Alferes Manoel Garcia Dutra e de Joaquina Maria da Conceição. Avós paternos: Manoel Dutra Fialho, natural da Ilha do Pico – freguesia de São Mateus, e Joana Maria de Freitas, natural da Ilha da Madeira – freguesia de São Vicente; avós maternos: Francisco Antônio Correia e Francisca Rosa Joaquina, ambos naturais da Ilha do Faial, ele da freguesia da Feteira e ela da freguesia de Nossa Senhora do Rosário.

Casou-se com Florinda Cândida de Freitas a 16 de agosto de 1840, após dedicar-lhe fêrvidos versos, da união nasceram dois filhos, Ovídio Antônio Dutra (1843 – 1877) funcionário público e político e Marcelino Antônio Dutra Filho. Marcelino deixou também dois filhos fora do casamento: Juvêncio e Antônio Reis Dutra (1835 – 1911). Ambos poetas.

Autodidata, ao concluir os estudos primários exerceu o cargo de Escrivão do Juizado de Paz de sua terra natal. Foi nomeado mestre-escola a 12 de setembro de 1832, na “Escola Modelo”, criada no Desterro pela Lei n. 136, de 14/4/1840, conforme assinalou o Presidente da Província na Fala inaugural dos trabalhos da Assembleia Legislativa em 1844; e, em reconhecimento dos seus méritos, o Marechal Antero Ferreira de Brito transferiu-o para a “Primeira Escola Pública” da Capital, com o ordenado anual de Rs. 600\$000, duplo do que percebia no Ribeirão. De 1837 a 1838 voltou ao cargo de Escrivão.

Filiado ao Partido Liberal, apelidado em Desterro “Partido dos Judeus”, chefiado por Jerônimo Coelho.

Concomitantemente foi Promotor Público de São José (1853), Vereador da Câmara do Desterro (1856), Promotor Público da Capital (1858-68) e Procurador Fiscal da Diretoria da Fazenda Provincial (1868).

Em 1860 presidiu a Sociedade Recreio Carnavalesco e foi diretor do Club Catarinense, em 8 de setembro de 1862 foi aclamado presidente de uma sociedade literário fundada nas dependências da Assembleia Provincial.

Jornalista, suas obras literárias estão dispostas nos jornais da época, exceção de seu poema mais conhecido denominado Assembleia das Aves, editado em 1847, no Rio de Janeiro, e reimpressa em 2ª edição em 1921, em Florianópolis, por iniciativa da Sociedade Catarinense de Letras. Este poema está relacionado à

campanha política de 1847, nas quais ridicularizava os políticos do Partido Conservador, que no Desterro era apelidado (Partido Cristão) e que representava a burguesia comercial local e os clérigos, sendo seu líder Arcipreste Paiva.

Marcelino era figura pitoresca, costumava chegar de canoa ao trapiche que dava acesso ao mercado público municipal, trazendo hortaliças diversas que cultivava no Ribeirão da Ilha. Ali descarregava a canoa, e rumava para a Assembleia onde se tornava ardoroso combatente. Procurou desenvolver a cultura de algodão no Ribeirão, chegando a alcançar, em 1867, uma medalha de prata na Exposição Nacional.

Os adversários o apelidaram “Poeta do Brejo”. Foram famosas as suas poesias satíricas publicadas nos jornais da cidade e suas polêmicas com o Arcipreste Paiva. Como escritor e poeta usou diversos pseudônimos: Inhato-Mirim, Gil Fabiano, Poeta do Brejo (ou P. do B.) além da sigla M.A.D.

Aos que tentaram ridicularizá-lo a resposta vinha de forma definitiva: “É porque tudo deve ter seu préstimo, quis Deus que aos tolos, não prestando para amigos, nos fossem úteis como adversários.”

Marcelino Antônio Dutra é patrono da cadeira 34 da Academia Catarinense de Letras.

Administrador do primeiro cemitério público de Florianópolis, situado na cabeceira da Ponte Hercílio Luz, ao lado do primeiro cemitério alemão, criou vários epitáfios, dentre eles seu próprio:

*Aqui jaz
Marcelino Antônio Dutra
Que mil e poucos registrou
E que, no final
Também entrou.*

Afinal, não foi enterrado lá, e sim na sua terra natal, o distrito de Ribeirão da Ilha.

Referências bibliográficas:

1. Oswaldo Rodrigues Cabral: Breve notícia sobre o poder legislativo de Santa Catarina: suas legislaturas e seus legisladores: de 1835 a 1974. Florianópolis: Lunardelli, (1975);
2. ____ A história da política em Santa Catarina durante o Império/ Org. Sara Regina Poyares dos Reis. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004. V. 4;
3. Altino Flores: Sondagens literárias. Florianópolis: EDEME, 1973. 82p.
Disponível no site da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	1
PRÓLOGO DO EDITOR	2
CANTO I.....	8
CANTO II.....	12
CANTO III.....	17

ASSEMBLÉA DAS AVES
POEMETO EM QUATRO CANTOS

DEDICADO

**AOS VERDADEIROS AMIGOS DO EXM^o. SR. CONSELHEIRO JERONIMO
RANCISCO COELHO.**

**POR:
MAD**

*FEITO NA CIDADE DO DESTERRO DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA AOS 2 DE
JUNHO DE 1847*

PRÓLOGO DO EDITOR

SANTA CATARINA - CAMPANHA ELEITORAL.

OS CRISTÃOS E OS JUDEUS

Aí tendes, leitores, um poemeto eleitoral, denominado — *Assembleia das Aves*. — Quem esperaria ver das urnas saírem inspirações poéticas? E o caso é que no dito poemeto, e sobre tão prosaico assunto, verão os leitores como arpeja uma lira sonora, e como se exprime a musa cândida e pura de um vate catarinense. Nesta produção singela, (pondo de lado o objeto, e fim), cumprenos acolher benignos os primeiros voos da imaginação de um vate nascente, que oferta ao seu país estas primícias do seu engenho, e que se for animado, poderá para o futuro dar algum contingente e literatura e poesia nacional.

Passam-se os fatos na província de Santa Catarina no correr do presente ano de 1847. É ano de eleições gerais, isto quer dizer, que em todo o império é ano de lutas desabridas, de intrigas, de embustes, de vexações, de calúnias, de trapaças, de transações, adulações, combinações, coalizões, etc., etc.; é ano enfim de que foi dito, que — *ficam suspensas as garantias da honra, e da probidade* — .

Enquanto uma ou outra província do Norte se prepara para as vias de fato, um aafiando o ferro, outro alvejando o trabuco e a escopeta, este dispondo-se para a cacetada, aquele pondo à mão a flamelga; na província de Santa Catarina, onde constantemente tem havido as mais pacíficas eleições, as cousas felizmente correm por diverso modo; a luta desta vez não terá decerto o caráter turbulento e feroz de outros lugares, mas será renhida, forte e decisiva, e ao mesmo tempo regular e legítima, salvo ligeiros desvios.

Um só é o lugar de deputado à assembleia geral legislativa; e dois são os candidatos; um que é o candidato, e o herói do poeta, o conselheiro, e atual deputado Jerônimo Francisco Coelho; outro, o novo candidato, o rival que se apresenta, o bacharel Joaquim Augusto do Livramento. Ambos são Catarinenses.

O povo da província se declara em dois partidos bem pronunciados, e profundamente divididos. Por malignidade estratégica, e pela referida *suspensão das garantias*, os Livramentistas se apelidam a si de *Cristãos*, e alcunham os Jeromistas de *Judeus*, querendo eles assim fanatizar os símplices,

e supersticiosamente incendiá-los contra os seus adversários. Este maligno invento falhou completamente. Os *Judeus* aceitaram a alcunha, e com ele se gloriam; e os *Cristãos* conservam o seu apelido, que tanto tem de nobre, e significativo pelo lado religioso, quanto de estéril e ridículo pelo lado político.

Bem se vê, pela linguagem que falamos, que nós, o editor desta obra, e autor deste prólogo, somos *Judeu* de 24 quilates. Não obstante, procuraremos ser em toda esta exposição, justo, imparcial, e verdadeiro. Continuemos.

O partido *Cristão* ou *Livramentista*, compõe-se de diferentes grupos ou frações, heterogêneas entre si, cada qual movido por causas e sentimentos inteiramente distintos; a saber: uns por espírito de família, e tais são parte dos parentes do candidato; outros por antigas ou modernas desavenças individuais; outros, que tendo recebido muitos benefícios do candidato *Judeu*, não poderão ver cheia toda a medida de seus vorazes desejos; outros por mesquinhos ciúmes de influências ou preferências, e ridículas questões de bairrismo; outros, levianos, e pouco refletidos pelo sentimento (entre nós tão natural e tão fatal) que nos leva a apetercer toda a mudança, e novidade; outros enfim, que, acumulados de benefícios, levantados do pó, e sem terem recebido ofensa, acabrunhados, e vexados com o peso de tão grande dívida, para livrar-se dela, tomarão o cômodo e fácil expediente de pagá-la com a moeda da ingratidão!

Vê-se portanto, que não há convicções no partido, e nem é a fé no candidato *Cristão*, o que anima os partidários; estes o escolheram considerando que na atualidade só ele poderia dar alguma probabilidade de vencer. Assim diferentes causas de movimento, atuando sobre estes grupos ou frações, os impelem e reúnem em um centro; eis o partido. Bazófiros, bulhentos, e vociferadores, assim procuram inculcar a força moral, e numérica, que lhes falta.

Se fosse admissível a hipótese de saírem vencedores os *Cristãos*, no dia imediato infalivelmente teriam de questionar pela parte de presa, e logo se desligariam. O único pensamento que "os anima em comum é — deitar abaixo quem está em cima. Hão de ser unidos enquanto vencidos.

O partido *Judeu* ou *Jeromista*, mais numeroso, mais cordato, e refletido, muito mais ilustrado, com firmes e extensas raízes em todos os pontos da província, cheio de profundas convicções, tendo verdadeira fé, e a mais acrisolada simpatia ao seu candidato, forma uma maça inteiriça, e respeitável.

Um só pensamento anima a todos os *Judeus*. — Escolher um bom representante, reconhecer os serviços, e premiar o mérito — Os *Judeus* não se desligam, nem recuam. Vencedores, ou vencidos, hão de sempre estar unidos.

Passemos adiante.

Contava-se que a eleição fosse feita no ano passado (1846); a lei a espaçou para o ano corrente; e a luta, em vez de arrefecer com o tempo, tem continuado de mais em mais ativa e crescente.

Os partidos foram gladiar-se na imprensa da corte; aí têm gemido os prelos por vezes repetidas, e a polêmica tornou-se viva, animada, e forte, e ultimamente interessante e faceta.

Na província formam-se de parte a parte publicamente associações eleitorais, que se ramificam por todos os pontos. A toda a parte se vai pregar a santa doutrina uns do Novo, outros do Velho Testamento político-eleitoral. Quando uns gritam — *Viva o Cristo!* — os outros respondem — *Viva o Rei dos Judeus!*

Formam-se também reuniões populares a céu aberto, verdadeiros *meetings* à inglesa.

Os *Cristãos* tomaram por divisa as palavras do Evangelho — *Potentes de sede deposit, et humiles exaltavit.* — A divisa dos Judeus é — Deus, honra, e lei — junto à legenda histórica — *In hoc signo vinces* — .

A animosidade fervorosa dos 2 partidos tem tocado o ponto de fanatismo. Exceto as principais autoridades, como o presidente da província, o arcebispo, o chefe de polícia, e alguns outros, que se têm conservado estáticos, indiferentes, e regelados, deixando a arena completamente livre aos contendores, toda a mais população em massa, quer da cidade, quer do campo, inclusive os mais remotos habitantes dos sertões, tudo está *ou judeizado ou cristianizado*. Até uns santos varões, padres jesuítas, que vieram pregar a fé e a palavra do Divino Mestre, são (lá no íntimo d'alma, e no segredo de seus peitos) muito bons e venerandos *Judeus*.

Hinos, cânticos, poesia, e música, bailes, saraus, passeios, romarias, e cavalgatas, tudo exclusivo para cada lado, ainda mais servem para exaltar o entusiasmo dos partidos. As Judias, assim como são as mais formosas, também são as mais corajosas.

Moços, e velhos, grandes e pequenos, homens, e mulheres, meninos e meninas, casados, ou solteiros, bonitos, e feios, altos e baixos, gordos e magros, tortos e aleijados, surdos, ou cegos, sem distinção de sexo, idade e cor, estado, condição, religião, profissão ou senão, (salvas as já ditas exceções), todos se afervoram, todos discutem, todos se empenham, todos trabalham, todos, cada qual pelo seu partido, tomam a parte mais ativa e decidida, todos enfim, votantes e não votantes, estão firmes no seu posto esperando a hora do combate.

Neste estado de exaltamento chega à província o candidato *Judeu* a 2 de março do corrente ano. Toma assento como deputado da assembleia provincial; aí se acha frente a frente com o seu rival, o candidato *Cristão*. É na sua vida a primeira vez que eles se encontram.

Trava-se imediatamente a mais vigorosa luta parlamentar; luta sustentada por quase 2 meses, até voltar à corte o nosso candidato. Quiséramos dar a descrição desta interessante luta, mas já nos declaramos *Judeu*, e como tal suspeito; e de mais esta descrição compete ao vate; todavia apelamos para o juízo dos *Cristãos* moderados (se os há); e eles que digam se o candidato *Judeu* comportou-se ou não como parlamentar, e cavalheiro.

Volta o nosso candidato à corte nos fins de abril do mesmo ano, para tomar assento na assembleia geral. Enquanto esteve ele na província, andavam os *Cristãos*, enfiados, inquietos, e constrangidos; ao depois intolerantes no último ponto, tornaram à sua habitual arrogância e fanfarrice, no que muito se têm distinguido. Os *Judeus*, algumas vezes não menos intolerantes, porém sempre mais amenos e civis, têm continuado na sua inextinguível e infatigável perseverança.

Agora se aproxima a época da eleição, e o povo, que viu com seus olhos a luta corpo a corpo dos dois campeões, decidirá a quem compete o prêmio da justa. Este litígio eleitoral, que se tornará memorável nos anais da província, pleiteado perante o tribunal da opinião pública, vai em breve ser sentenciado pelo juiz competente, e (conforme o belo pensamento de um poeta contemporâneo), o processo será o combate, a sentença será a Vitória.

Os dois partidos ambos julgam-se fortes, ambos contam vencer. Os *Cristãos* têm chefes audazes, dispostos a tudo, sem escolha de meios; muitas vezes como que desanimam, e então tornam-se furiosos. Os *Judeus* contam chefes prestigiosos, ativos e vigilantes; confiam em si, no mérito do candidato, e no senso público; mostram-se mais tolerantes, e nunca desesperarão.

Não se receia, que hajam sérios conflitos no dia crítico; assim o afiança a moralidade do povo, o seu bom senso, e espírito de ordem; e quando os imprudentes de qualquer dos partidos tentem sair das raias legais, e transpor as vias da moderação, esses se acharão sós, e serão os únicos responsáveis.

Os nomes dos 2 candidatos vão entrar na urna; o do candidato *Judeu* entra com uma longa série de *serviços feitos*, com um nome conhecido no Brasil inteiro, e com um longo tirocínio parlamentar, e prática governativa; o do candidato *Cristão* entra com um comprido rol de *serviços por fazer*, com um nome ignoto, e com a novatice e inexperiência da juventude. Um entra com grandes fatos, o

outro com grandes promessas. A confiança anima os *Judeus*, a esperança seduz os *Cristãos*. Quem será o preferido? Aquele de quem mais gostar o povo, pois há gostos para tudo.

O dia, que vai raiar a 7 de Novembro de 1847, alumiará o campo de batalha; o combate será decisivo; entretanto nos dois arraiais tudo é bulício e impaciência.

Para quem penderá a balança dos sufrágios populares? A quem protegerá o Deus das batalhas? Quem cantará a vitória? Mas porventura o Deus da Cristandade não será o mesmo Deus de Israel? É um problema, que brevemente a urna resolverá.

Esperemos.

Por esta sucinta e verídica narração, conheceram os leitores debaixo de que impressão escreve, e compõe o autor do poemeto da — *Assembléia das Aves*.

Discorre o poeta como discorreria qualquer *Judeu* do mesmo quilate que o Editor. Numa engenhosa alegoria, que assenta sobre um fundo histórico verdadeiro, faz ele aparecer convenientemente falando diferentes aves, e as emprega para cantar o candidato *Judeu*, e descantar o candidato *Cristão*. Na escolha alegórica, que faz o poeta, e competente distribuição dos interlocutores, só faremos notar a feliz escolha do *Cisne*, para representar o seu herói, e a do *Quero-quero*, para representar o rival; ambos aves aquáticas, o que bem quadra aos dois candidatos, filhos de uma província eminentemente marítima e fluvial, com a diferença porém que o *Cisne* é o majestoso rei dos grandes lagos, e o *Quero-quero* o mariscador dos pequenos charcos.

Terminaremos com um tributo de homenagem judaica ao nosso *Cisne*, oferecendo a descrição, que dele faz um analista pelo modo seguinte:

O *Cisne* é uma das maiores aves aquáticas; mas nenhuma tem, como ele, tanta graça e beleza; nenhuma se distingue por tanta elegância nas formas, e tanta nobreza no porte e nas atitudes.

Adicionaremos por fim a descrição ética, que do *Cisne* faz o eloquente Buffon:

A seu nobre talhe, à facilidade, e à liberdade de seus movimentos n'água, se deve nele reconhecer não só o primeiro dos navegantes alados, mas também o mais belo modelo, que a natureza nos oferece para a arte da navegação; seu colo elevado, seu peito saliente, e arredondado, parecem com efeito figurar a proa de um navio fendendo as ondas; seu largo estômago representa a quilha; seu corpo, lançado à frente para navegar, arma-se para trás, e se levanta em popa; a cauda é um verdadeiro leme; os pés são largos remos; suas grandes

asas semi-abertas ao vento, docemente cheias, são velas, que impelem esta embarcação viva, navio e piloto no mesmo tempo.

Por pouco interessante, calaremos o que do *Quero-quero* dizem os mesmos naturais.

Findaremos, recomendando aos leitores em geral, a poesia e o poeta, e aos Catarinenses em particular os merecimentos, e os serviços do herói do poema, do candidato *Judeu, do Cisne Catarinense*. — Disse.

O EDITOR

CANTO I

ARGUMENTO

Em singela alegoria
De um *Cisne* pinto a candura;
Das aves canto a ventura
A paz, sossego, harmonia.
Vitupero a rebeldia
De certo grupo traidor:
Louvo um gentil *beija-flor*,
Mimoso, nobre, e sincero;
Pinto enfim um *Quero-quero*
Turbulento, e piador.

1ª

Aos graus vinte sete e trinta
Para o Sul do Equador,
No mundo, de que Colombo
Foi feliz descobridor.

2ª

Novecentas e setenta
Léguas para o ocidente
Do Bretão meridiano,
(Se nauta regra não mente)

3ª

Sítio jaz, que o mar se ufana
De assíduo em torno beijar;
Pleiteiam zéfiros brandos
O prazer de o bafejar.

4ª

Quando a todos os viventes
Fala os deuses concediam,
Plumosos, bípedes bandos
Aí felizes viviam.

5ª

Ao volátil, dócil povo
Presidiam mansidão,
Concórdia, paz, doces frutos
Que produz a solidão.

6ª

O plúmeo bando feliz
Da paz os gozos fruía,
Até que veio a cobiça
Plantar a desarmonia.

7ª

Alguns se alegram com isso!
Tal é a facilidade,
Com que no mundo se aplaude
Tudo quanto é novidade!

8ª

Eis o caso: pelas aves
Sábio *Cisne* fora eleito
Para sustentar na corte
Do plúmeo povo o direito.

9ª

Que bem o cargo servira
Não sofre contestação;
Porque das aves tivera
Constante reeleição.

10ª

Também cabe apresentar
Por documento em favor,
Tê-lo chamado a conselho
Das aves a *Superior*.

11ª

Sem ambição, sem riquezas,
Sem brasões de fidalguia,
Honra tal só o talento
Conferido ter podia.

12ª

Rancores, ódios, vinganças,
Nem contra o próprio inimigo
Em seu peito generoso
Jamais tiveram abrigo.

13ª

Entretanto volta à terra,
De que saíra a estudar,
Um *Quero-quero* dizendo
Que vinha os seus libertar.

14ª

À maior parte das aves
Causou isto expectação;
Porque dar a liberdade
Pressupõe a escravidão.

15ª

A uma linda *saíra*
Perguntou um *beija-flor*,
Se é certo sermos cativos,
Quem será nosso senhor?

16ª

Não sei (responde a mimosa),
Mas tenho ouvido dizer,
Que o jugo do cativoiro
Faz suspirar, faz gemer.

17ª

Até hoje (aos Céus louvores!)
Não suspirei, nem gemi,
Portanto julgo-me ainda
Ser livre como nasci.

18ª

Ai! tristes! já lá no peito
Dos inocentes plumosos,
A discórdia acerba e dura
Os faz menos venturosos.

19ª

Assim foi, que certo bando,
Levado de fanatismo,
Toma do *Libertador*
A inveja por heroísmo.

20ª

De incenso pobre aturdido
Se infatua o novo herói,

Concórdia, paz, e sossego,
Em breve o tempo destrói.

21ª

Adeus ternas amizades,
Boa fé, leda harmonia,
Quietação doce, e mais doce
Inocência de algum dia.

22ª

Pairam nuvens de discórdia
Sobre o sítio encantador,
Ninguém mais de ser escapa
Delatado ou delator.

23ª

Tal quando em Mavórcia lide
Soa a voz de combater,
Entre o ataque e defesa
Por força se há de escolher.

24ª

Por iludir os incautos,
Que do seu partido são,
Ardilosos planejaram
Noturna reunião.

25ª

Os ódios, que em muitos peitos
Existiam sufocados,
Nela acharam sítio, ensejo
Os mais bem apropriados.

26ª

Ali sandices vomita
O fofo *Libertador*,
Em camisas de onze varas
Foi meter-se o falador.

27ª

Seu alvo (diz a *Gazeta*)
Foi deprimir o rival,
Ha *Queros-queros*, que imitam
As gralhas em falar mal.

28ª

E não deu baldado exemplo,
Pois logo surgiu dali
Um *Tiê*, que vira tudo,
Como qualquer *Bem-te-vi*.

29ª

Sobre as aves inocentes
Esvoaça o detrator,
Fere a todos sem piedade,
Sem respeito, e sem pudor.

30ª

Não houve aí *Tico-tico*,
Papa-arroz, ou *Tangará*,
Pobresinho, que escapasse
À língua ferina, e má.

31ª

Não prossigas, maldizente!
Não difames a ninguém!
De dizer-se mal dos outros
Qual o lucro, que provêm?

32ª

Sobre esta terra de dores
Infelizes companheiras,
Leis de amor unir-nos devem,
Leis do Céu, leis verdadeiras.

33ª

Somos corruptível massa,
Que Deus serviu-se animar.
Assim mimosa avezinha
Findou seu triste cantar.

CANTO II

ARGUMENTO

Para ao *Cisne* disputar
Populares afeições,
Chamam às reuniões
Negras aves d'ultramar.
Vão ali fezes vazas
Aves de bico daninho;
Aos Céus invoca um *Arminho*
Que à terra o *Cisne* trouxesse;
Uma corveta aparece;
Traz o Cisne ao pátrio ninho.

1ª

Já da Capricórnica meta
Se afasta o grande luseiro;
Eis o Outono, em frutos fértil
Sobre o solo brasileiro;

2ª

Lá vai Febo auriluzente
Curar com tépida mão
Os danos, que em sua ausência
Sofrera o Setentrião.

3ª

Multidão de esparsas folhas
Junca a terra em parda cor;
A saudade de seus ramos
Lhes murcha o lindo verdor.

4ª

Desmuciados, grossos troncos
Distendem tortas raízes.
Tardo auxílio!... Nada sentem,
São mortas as infelizes!

5ª

Mas vai já tudo animar-se
Da febeia proteção,
As selvas amortecidas
Que lindas florescerão!

6ª

Pelas aves, entretanto
Prossegue o pleito odioso;

Nelas abre a vil intriga
Cavo sulco abominoso.

7ª

Negras aves africanas,
Que de — *Anus* — o nome têm,
Aos *Sericuás*, e *Tucanos*
Se reuniram também.

8ª

Desta liga monstruosa
Fez-se um clube eleitoral;
Temeu logo as consequências
O poder policial.

6ª

Eis ordena que de dia
Só se possam reunir,
Pois da noite o negro manto
Sói os crimes encobrir.

10ª

Tinha a Fama por cem bocas
Falsamente apregoado
Todo o caso; até se afirma
Que mentira seu bocado.

11ª

Se uma boca só que mente,
Muito mal faz produzir,
Que de males não resultam
De cem bocas a mentir?

12ª

Soube o eleito na corte
Do trama na terra urdido
Por muitos, que só favores
Dele haviam recebido.

13ª

Sobranceiro a tanta infâmia,
No seu forte coração,
De algumas aves mesquinhas
Desprezando a ingratidão;

14ª

Veio ver essas que firmes,
Com fé, amor, lealdade,
Sacros deveres cumpriram
Da justiça e da amizade.

15ª

Vem, sábio legislador,
Que honras teu país natal,
Vem trocar com teus amigos
Um abraço fraternal.

16ª

Vem saber que as mais sensatas
Das aves tuas patrícias,
Por ti afrontam perigos,
Por ti rejeitam delícias.

17ª

Que a parte sã da província,
Por teu mérito, e primor,
Te vota mais que amizade,
Muito mais, te vota amor.

18ª

Vem, saber, que tu não debes
Recear calúnias vis.
Refalsada e baixa intriga,
Baixos manejos sutis.

19ª

Despresa esses, que vivem
Só de embuste e falsidade,
Que parecem proibidos
De dizer uma verdade.

20ª

Tens um trono em nossos peitos,
Baseado em puro amor.
Anda, vem testemunhar
Nossa fé, nosso valor.

21ª

Em quanto gentil *Arminho*
Pousado numa figueira,
Isto diz; lá se levanta
Avermelhada bandeira.

22ª

Após esta outra subia
De várias listadas cores;
Era a Corveta fendendo
Pelos mares interiores.

23ª

Nela vem Ave escolhida
Dentre muitas aves mil,
Daquelas, que mais ilustram
As florestas do Brasil.

24ª

Com geral contentamento
Em veloz celeridade
Percorre a fausta notícia
Os subúrbios da cidade.

25ª

Bem como os sons da trombeta
Fazem saber aos guerreiros,
Que no perigo iminente
Às armas corram ligeiros:

26ª

Tal este deixa apressado
Aberto o livro em que lia;
Aquele, de tinta cheia
A pena com que escrevia.

27ª

Um que escuta o terno canto,
Da mais delicada amante,
Deixa; parte, e leva a nova
Ao companheiro distante.

28ª

Outro, que no altar de amor
Ia dar um juramento,

No caminho a nova sabe,
Volta, e falha o emprasamento.

29ª

Alguns partem duvidosos;
Todos à praia caminham
Alegres aves aos centos
No desembarque se apinham.

30ª

Ao longe avança um batel,
Que lhes ocupa os sentidos;
Ele chega; e veem seus olhos
O que ouviram seus ouvidos.

31ª

Aquilo que se deseja
Com sincero, e puro ardor,
No momento em que se alcança
Tem mais que humano valor.

32ª

A chegada de um amigo
Por longos tempos ausente,
Transforma mágoas passadas
Em puro gozo presente.

33ª

Esses, que no peito abrigam
Corações cheios de fel,
Não podem sentir as cousas,
Que escrevo neste papel.

CANTO III

ARGUMENTO

Saudoso, fagueiro, e terno
Chega o *Cisne* aos pátrios lares;
Vêm as aves a milhares
Com prazer o mais interno,

Em dar o abraço fraterno,
É quem primeiro será;
Pelo povo que ali está,
Em sinal de saudação,
A mais bela alocução
Faz ao *Cisne* um *Sabiá*.

1ª

Musa amiga, que por vezes
Nas minhas vicissitudes,
Mil endechas me inspiraste
Saudosas, se bem que rudes;

2ª

Que às ingratidões de Márcia,
Que aos encantos de Delmira,
Sons maviosos tiravas
De uma só corda da Lira;

3ª

Outorga-me neste empenho
Os teus encantos divinos,
Com que outrora da Estige
Venceste acerbos destinos.

4ª

Se me não for permitido
Encantar jovens leitores,
Que na flor da mocidade,
Só se encantam por amores;

5ª

Se agrados não excitar
À sabujenta velhice,
Que só crê nas priscas eras
Tendo horror à modernice;

6ª

Se o belo sexo enfim
Não me der nenhum apreço,
Porque as belas só se enlevam
Nas aras do Deus travesso;

7ª

Nem por isso me denegues
Teu auxílio altipotente,
O que não agrada a uma,
Satisfaz a outra gente.

8ª

Alguns sobre o pobre vate
Talvez louvores espargem,
A esses voto meu canto,
A esses rendo homenagem.

9ª

Mal que o pátrio solo amigo
Nosso herói ledo pisou,
À multidão, que o saúda,
Enternecido abraçou.

10ª

No prazer, em que transborda,
Arrebatado assim diz :
Ó minha pátria adorada,
Torno a ver-te; sou feliz.

11ª

Notou certa ansiedade,
Nas aves, e a razão,
Não sabia, sendo ela
De bem fácil solução.

12ª

Quando tisonar se procura
O crédito, a quem o tem,
A sustentá-lo se prestam
Todas as aves de bem.

13ª

Mas já nos montes embaçam
Os raios do etéreo lume;
Faz na areia inquieta vaga,
Brando som, quase queixume.

14ª

Nas folhagens ciciando
Tênuê aura suestina;

No céu fulge do Oriente
A rósea luz matutina.

15ª

Já trinam lindos *Canários*,
Gaipavas, e *Gaturamos*;
Sanhaços, *Cambaciquinas*,
Saltando por entre os ramos.

16ª

De sonoros *Sabiás*,
Alegre bando chegou,
E deles o mais sabido
Desta maneira cantou :

17ª

Presta ouvidos aos meus acentos,
Modesto Legislador,
Atende aos votos humildes
De um selvático cantor.

18ª

Viste a luz em nossa terra,
À corte foste estudar
Ciências com que vieste
Teus patrícios ilustrar.

19ª

Diva luz da liberdade
Para nós veio raiar.
Abusos velhos cumpria
De sobre o povo tirar.

20ª

Inda El-rei Nosso Senhor
De Deus se não distinguia;
E dizer-se — *Liberdade* —
Era dizer — *Rebeldia* — .

21ª

Teus discursos, teus escritos
De animada erudição,
Nossos direitos defendem,
Velam no bem da Nação.

22ª

Quando do povo aterrado
Tristes clamores ouvias,
Em tal crise combateste
Suspensão de garantias.

23ª

Muitas leis, que feitas foram
Por bem nosso, e do país,
Nasceram, e sazouaram
Na tua mente feliz.

24ª

Associada união,
Política e fraternal,
Tudo criaste; e também
Uma imprensa liberal.

25ª

Conseguiste, enfim, que breve
Priscas preocupações,
Não tivessem mais guarida
Nem mesmo em nossos sertões.

26ª

Pelo público serviço
Desvelado, e diligente,
Mil bens de ti receberam
Nossa terra e nossa gente.

27ª

Eleger-te deputado,
Fora em nós quase um dever,
Porque juntas aos serviços
Patriotismo e saber.

28ª

Foste assim por nós eleito
Em missão legislativa;
Não erramos, preencheste
A geral expectativa.

29ª

No Parlamento composto
Dos mais sábios da Nação,
Teus discursos, teu bom senso,
Mereceram atenção,

30ª

E na corte o teu prestígio
Honra faz à nossa aldeia;
Se lá te elege o Monarca,
O povo aqui te nomeia.

31ª

Como ministro da Coroa
Gerindo a pasta da guerra,
Findaste a luta de irmãos,
Deste paz à nossa terra.

32ª

Com este ato sublime
Tua missão acabaste;
Se ao entrar pobre subiste,
Ao sair pobre ficaste.

33ª

E os louros querem tirar-te
Tão nobres, tão merecidos?...
Os feitos de Coriolano
Também foram esquecidos!!!...

CANTO IV

ARGUMENTO

Ao Congresso, que se instala
Marcha o *Cisne* sem demora;
Um certo grupo descora
Quando o vê entrar na sala.
Com graça discute e fala;
Desbarata a oposição:
Volta à corte; e foi então
Que nobre, grave, e severo

O *Guará* no *Quero-quero*
Deu formal repreensão.

1ª

Calou-se o plúmeo cantor,
E as aves, que o escutavam,
Fôlego tomam, que há muito
De atentas nem respiravam.

2ª

Só então parte das aves
Com mágoa ficou ciente,
Que haviam tantos ingratos
Com cara de boa gente.

3ª

Que tal grupo de invejosos
Na pátria terra existia;
Houve quem se indignasse,
Mas o nosso herói sorria.

4ª

A coral e a jararaca
Mansas pombinhas serão,
Se com elas se compara
A inveja e a ingratidão.

5ª

Porém de humanas paixões
O *Cisne* conhecedor,
Nada disto lhe causava
Nem vislumbre de rancor.

6ª

Ingratos zoilos mesquinhos,
Vosso afã, e pouco siso,
Com desdém, são condenados
Ante o público juízo.

7ª

Aves vinte anualmente
Em congresso se juntavam;
Sobre os públicos negócios
Do seu país legislavam.

8ª

Um vinte-avos do congresso
Era o *Cisne* de direito;
E no dia imediato
Nele achou-se com efeito.

9ª

Musa, tu, que me inspiraste
Este humilde canto meu,
No mais difícil do canto,
Me privas de auxílio teu?

10ª

Agora, que eu pretendia
Do meu herói descrever,
O estilo, o garbo, e modo,
E graça no discorrer;

11ª

É então que me abandonas,
Porque vás saborear,
Seus discursos maviosos,
Tão difíceis de imitar?

12ª

Sua voz serena, e firme
Acaso te encantaria?
Tens razão; do *Cisne* o canto
Tem sonora melodia.

13ª

Vou também ouvir atento
As frases da pátria amigas;
Contigo juro cantá-las
Por quem és, não me desdigas.

14ª

Ei-lo; em torno a vista lança,
Tranquilo pede a palavra;
Certo terror macilento
Nos rostos imigos lavra.

15ª

Oferecera o *Quero-quero*
Uma felicitação;
Peça mesquinha, e pejada
De servil adulação.

16ª

O eloquente orador
Com discreto analisar,
Castigando a ruim doutrina,
Fez a peça reprovar.

17ª

Era notável a graça,
A finura e cortesia
Com que a jeito lhes lançava
Delicada zombaria.

18ª

Entoou loquaz *Gansete*,
Acusação muito antiga;
Sediça, e falsa provou-se,
Voltou ao bucho a *cantiga*.

19ª

Dos contrários a conduta,
Manda a prudência calar;
Seus atos causam desdouro;
Nem se devem divulgar.

20ª

Certas gralhas, que na ausência
Tanta grasnada faziam,
Caladinhas, acanhadas
Nem palavra proferiam.

21ª

Exclamou o *Cisne* vendo
Tão mofinos contendores:
— Honro-me pouco vencendo
Tão fracos opositores. —

22ª

E dos seus se despedindo
Fez à corte o seu regresso,

Novos deveres o chamam
A mais luzido congresso.

23ª

Adeus, ó ave adorada,
Mimosa, e cândida flor;
O nosso pranto saudoso
É teu cântico de amor.

24ª

Então vistoso *Guará*
Ao *Quero-quero* exprobando,
Da província amotinada
O estado miserando.

25ª

Assim diz: — Tu que tens feito
Ao *Cisne* tão crua guerra,
Não dirás que benefícios
Já fizeste à nossa terra?

26ª

Dize mais: — que bens lhe podes
Para o futuro trazer?
Pelas provas que tens dado,
Só males podes fazer.

27ª

Por ora, o que nos tens feito
E' profunda divisão,
Entre amigos, e parentes
Da mais íntima união.

28ª

'Té ao seio das famílias
Tens a discórdia levado;
Em mil pleitos, mil demandas,
Tens o povo emaranhado.

29ª

De Pandora a caixa iníqua
Destampaste em nosso dano,
Que maior mal nos faria
A subida de um tirano?

30ª

Quanto a ti, *Cisne* famoso,
Sinceros votos aceita,
A outrem, que tu não sejas,
Nossa gratidão rejeita.

31ª

E quando austeros destinos
Contigo sejam fatais
Honra mais descer contigo,
Que subir com teus rivais.

32ª

Findarás, *Cisne* querido,
Pois não hás de ser eterno,
Mas teu canto de agonia
Há de ser saudoso e terno.

33ª

Disse: e logo abrindo as asas,
Fendendo os ares, voou;
Disse pouco; mas que puras
Verdades articulou!!!